



LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS: A BUSCA DA EFICÁCIA PELO TRABALHO ARTICULADO

Leandro Renner de Moura¹
Ieda Márcia Donati Linck²

Resumo: Este texto visa discutir a importância do trabalho articulado entre os componentes de Redação, Língua Portuguesa e Literatura no contexto da prova do Enem. Tais disciplinas estão inseridas na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias oferecida pelo Proenem/Unicruz, que tem sua forma organizativa pautada na interdisciplinaridade. Propomos revisão de literatura baseada no pensamento de escritores que denunciam a crise de um ensino fragmentado, na mesma proporção que indicam caminhos favoráveis a uma aprendizagem linguística efetiva e aproximada da vida. O ato de escrever textos pode ser visto como a manifestação democrática de opiniões a caminho do entendimento comum de uma sociedade. O uso competente e lúcido da língua materna através da textualidade representa o pleno exercício da cidadania de alunos, candidatos a vagas no ensino superior. Desse modo, o Proenem marca-se como ser um importante momento na vida de cada estudante. Um momento de aprendizado e renovação de esperanças através do saber, valorizando, sempre, a curiosidade, o envolvimento e o preparo contextualizado destes para a realização da prova de linguagens.

Palavras-chave: Proenem. Interdisciplinaridade. Compreensão. Aprendizado.

Abstract: This text has as a purpose to discuss the importance of the articulated work among the components of redaction, Portuguese language and Literature in the Enem's test context. These subjects are inserted in the area of Languages, Codes and their technology offered by Proenem/Unicruz that has its organization way based on the interdisciplinary. We have proposed a literature review based on the writers' thoughts who denounce the crisis of the fragmented teaching, in the same proportion that they indicate favorable and close to the real life ways to an effective linguistic learning. The act of writing texts can be seen as a democratic manifestation of opinions on the way of common understanding of a society. The competent and lucid usage of the mother language through the textuality represents the full exercise of the students' citizenship, candidates to the vacancies at college. Thus, the Proenem contrasts as being an important moment in each student's life. A learning and hope renewing moment through knowledge, always valuing the curiosity, the involving and the contextualized preparation oh these ones to perform the languages text.

Key words: Proenem, interdisciplinary, comprehension, learning.

¹ Mestrando em Educação nas ciências pela UNIJUÍ, bolsista Capes. Especialista em Língua Portuguesa – UNIFRA. Licenciado em Letras Português/Espanhol – UNICRUZ. Professor de Redação e Estratégias de Leitura no Proenem/Unicruz.

² Doutoranda no PPGL da UFSM. Bolsista Capes pelo PDSE – Aveiro- Portugal. Mestre em Linguística/UPF. Membro do GEL e GPEHP/Unicruz e LALE/UA-PT. Coordenadora do Proenem/Unicruz. imdlinck@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Considerando a notória preocupação que há entre alunos, professores, instituições de ensino e governo quanto as dificuldades apresentadas em relação a leitura e a escrita, competências necessárias para o sujeito, o Proenem da Universidade de Cruz Alta mostra-se participante do processo compreensivo da realidade linguística do Brasil, bem como atualizado ao contexto de referências do Exame Nacional para o Ensino Médio, o Enem. Para atender tais recomendações o programa oferece aulas de redação com um professor e, nas situações de correção de textos, a contribuição dos professores de Língua Portuguesa e Literatura. Tem-se assim, a concretização efetiva de um trabalho interdisciplinar.

Concordando com os princípios de estruturação do texto dissertativo-argumentativo, as aulas têm como proposta central a prática textual resultante do exercício da cidadania. Conforme compreende o Ministério da Educação (MEC), a banca avaliadora das redações produzidas exige dos candidatos postura de cidadãos, conhecedores da realidade do mundo da vida, e em condições plenas de sugerir saídas e possibilidades de solução aos temas abordados.

Vigna (2008, p.02) afirma que “na situação de ensino e aprendizagem, o conhecimento é transposto da situação em que foi criado, inventado ou produzido, e por causa desta transposição didática deve ser relacionado com a prática ou a experiência do aluno a fim de adquirir significado”. Assim sendo, estimulamos a prática reflexiva como ação necessária no aperfeiçoamento da escrita, da organização das ideias e do potencial argumentativo dos alunos na produção dos seus textos, de forma contextualizada.

Entendemos que o espaço da redação no concurso do Enem representa a garantia do diálogo, da democracia através da linguagem e da espontaneidade subjetiva frente às diversidades. Percebemos a redação como o direito ou a oportunidade que estudantes de todo o Brasil têm de expressarem suas opiniões e suas propostas nos assuntos de interesse expressamente sociais. A participação do aluno através da sua própria linguagem e da sua subjetividade é um ato político, mesmo que numa situação de concorrência e seleção, pois se vê diante do desafio de propor intervenção merecedora de uma nota mil, capaz de somar ideias a outras tantas também deliberadas em contextos linguísticos de decisão.

Desse modo, o Proenem busca ser um importante momento na vida de cada estudante no seu acesso ao ensino superior. Um momento de aprendizado e renovação de esperanças através do saber, valorizando sempre, a curiosidade, o envolvimento e o preparo atualizado à prova do Enem, e, por fim, como viés para o seu acesso à vida acadêmica.



No projeto, age, como suplemento essencial às aulas de redação, o trabalho interdisciplinar. Um momento de integração das disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, o que chamamos de “momento interligado”. Sem prejudicar o andamento lógico de cada componente, as situações de interação que propomos visa mostrar aos alunos a sintonia que há nas questões do caderno de Linguagens, códigos e suas tecnologias do Enem. Conforme os documentos oficiais do Ministério da Educação, a área de linguagens é composta pelas disciplinas de “Língua Portuguesa, Língua estrangeira moderna, Educação Física, Arte e Informática”.

Diante disso e frente ao espaço que nos foi destinado, propomos um entendimento desta área de conhecimento, revisitando os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), especialmente para a Língua Portuguesa, os quais orientam o trabalho das escolas públicas e, sobretudo, alicerçam o preparo para as provas do Enem. Antes disso, trazemos nossas motivações teóricas, as quais nos ajudam a pensar e concretizar o melhor que podemos.

2. ALGUMAS DISCUSSÕES TEÓRICAS NECESSÁRIAS

Com toda a certeza, estamos envolvidos no processo conhecido por *educação linguística*. Ao tratarmos das intenções do Proenem referente às linguagens, à redação e, sobretudo quanto ao que queremos desenvolver com nossos alunos, nos inserimos no universo linguístico de ampla e convergente envergadura. Sabendo disso, reconhecemo-nos como incentivadores de uma aprendizagem efetiva e aproximada da vida, e que potencializa a leitura do mundo.

No raciocínio de Bagno e Rangel (2005, p. 63) a educação linguística poderia ser compreendida como

[...] o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Desses saberes, evidentemente, também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/linguagem e que compõem o que se poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística.

A responsabilidade que temos com universo linguístico se compara à responsabilidade com todos aqueles que nos procuram em busca de preparação. É vital a necessidade de



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

respeito à diversidade linguística, como compositora da sinfonia das vozes. Na variedade da linguagem estão indivíduos, banhados e marcados por suas histórias localizadas repletas de significação. Percebemos a partir das ideias emprestadas dos escritores, que a linguagem é educada durante a vida e é resultado de um somatório de sentidos, imaginários e interpretações, construtores de usos linguísticos legitimados.

Por esta razão, o ato de escrever e ler textos é prática viva de linguagem, necessária ao pensamento humano e ao desenvolvimento de habilidades expressivas. Todo sujeito que lê, pensa no que lê. Todo sujeito que escreve, pensa no que escreve, assim tornando-se mais reflexivo e argumentativo perante as situações que vivencia no mundo. Essa preparação pode ser considerada a atividade essencial de uma educação linguística.

Como já dizia Marques (2011, p.15), “o ensino na obediência a certos rituais” cria traumas. Diante de uma folha em branco muitas pessoas não sabem o que fazer com a sua própria linguagem. É uma pergunta frequente saber por onde deve-se começar um texto. A resistência pelas atividades de produção de texto demonstram uma espécie de medo da língua.

Como a produção de escrita é resultado do que se aprende desde a alfabetização da língua, precisamos refletir quanto ao seu tratamento na escola. Faraco e Castro (2009, p. 2) em um artigo sobre a relação dos estudos linguísticos e o ensino da língua no Brasil, fazem o clássico questionamento e, evidentemente necessário: “Mas, se o ensino de linguagem não se dá, como querem os tradicionalistas, calcado no eixo normativo, como ele deve ser, se aceitarmos a crítica dos linguistas? Em outras palavras, quando tiramos de foco o ensino de regras e conceitos, o que passa a ser o nosso objeto de ensino?”. Segundo os escritores, a intenção dos linguistas é colocar o texto no centro do debate para estudar a língua. Ainda, conforme os autores, o texto como objeto primordial das aulas de Língua Portuguesa assegura “o ensino dos aspectos normativos [...], isto é, as regras gramaticais não seriam mais ensinadas por meio de frases soltas, abstraídas de contexto, e sim na perspectiva de sua funcionalidade textual” (Ibid. p. 2).

Eis algumas de nossas expectativas. O texto como objeto central produz a ideia de buscarmos reconhecer a língua materna nas suas nascentes históricas, geográficas e sociais por sua variedade de gêneros e tipologias. É no processo de leitura constante e variada que reside a possibilidade de um encontro sutil e mais prazeroso com a normatividade e com os estilos linguísticos clássicos e contemporâneos. Acreditamos instigar, dessa maneira, o prazer dos estudantes pela escrita a caminho do próprio reconhecimento como escritores.



Marques (2011, p. 28) explica o que esse processo representou na sua trajetória como escritor.

No ato de escrever sinto-me dono do meu próprio texto. Posso mudá-lo a qualquer momento, destruí-lo até. Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou de meu alcance. Uma sensação muito viva e estranha: a de só agora ver a cara de meu filho ao mesmo tempo que dele me despeço; vê-lo cair na vida, ausentar-se entregue à indiscrição de quem não conheço, a destinos que fogem a meu controle.

A sensação que Marques nos descreve é, de fato, a sensação que temos quando antes mesmo de publicar um texto imaginamos leitores e a avaliação que estes darão a ele. Além disso, a identificação do autor ao escrever se revela no movimento interno do texto. Escrevendo, corrigindo e apagando temos a liberdade de fazê-lo como bem se entende a caminho da identidade da escrita. Entretanto, nesse movimento de encontro do próprio estilo é necessário um processo de reescritura constante.

Com o propósito de identificar o que pode ser melhorado no texto, o aluno aprende a lançar um olhar crítico, o que implica certo distanciamento. Esperamos, assim, que os alunos desenvolvam capacidades de análise que identifiquem o que compromete a coerência e a coesão, assim como os elementos adequados ou inadequados ao objetivo dos textos que produzem. Esse processo exige uma gama de conhecimentos que vão desde o domínio da escrita convencional ao domínio de categorias gramaticais para a organização do discurso escrito. Estes aspectos implicam no desenvolvimento da competência discursiva do aluno através de situações diversas de uso da linguagem, permitindo a ele entender como, por que, para que e para quem escrevem.

Tem sido nossa função como professores do Proenem mostrar aos alunos que os textos exercem um papel muito importante na vida, e que não devem tratá-los como simples registros para serem avaliados e arquivados. Uma redação pode significar o posicionamento e o lugar que sujeitos ocupam diante de temas de interesse comum. Assim, antes de tomar forma, toda escrita é um processo de encontro com seu próprio autor que se debate com sua própria linguagem, isto é, que erra, se engana e diz coisas impensadas. Marcuschi (2008, p. 218) salienta que “o trabalho de escrita é também um trabalho de reescrita. O processo de produção deve ser de algum modo distinguido da produção final do texto. Pois o produto final é o resultado de um processo de muitas revisões”.

Em Bakhtin percebemos justificção apropriada para repensar as concepções de linguagem que amparam nossas práticas. O filósofo tem suas preocupações voltadas para o



fenômeno da interação viva da linguagem. Delimita o real objeto de estudo da linguística, discutindo a origem social dos signos e dos enunciados humanos. “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta [...]” Bakhtin (1986, p. 124). Comenta ainda que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas (sic), nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Ibid. p. 123).

Diante disso, deve-se privilegiar não só o contato frequente dos alunos com a leitura e a produção de textos, como também fazer destas práticas uma relação linguística viva. Precisamos estimulá-los a tomar consciência de que o ato de falar e escrever é um processo de interação com o outro, seja esse outro um colega próximo da sala, um contexto vivido, ou um interlocutor imaginário. Marques (2011, p. 15), agradavelmente explica o ato de escrever para um ouvinte imaginário.

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

Marques concorda que o escrever é um ato de interação comunicativa em que interlocutores constantemente surgem na conversa.

Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz de meu escrever uma interlocução de muitas vozes, uma amplificação de perspectiva, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos (Marques, 2011, p. 29).

Além da interlocução de vozes, Marques (2011) também refere-se a uma interlocução de saberes que estão ativamente presentes no contato da folha em branco com o próprio escrevente, o qual convida interlocutores imaginários à busca do entendimento, jamais solitário.

O autor, diferentemente da crença de algumas correntes teóricas da linguagem que afirmam ver a escrita como intertextualidade, acredita que o ato de escrever é ato inaugural. Assim como aparecem interlocutores no momento em que se produz um texto, também



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

surgem ideias, palavras e inspirações não antes pensadas, simplesmente inauguradas pela livre expressão da linguagem e do raciocínio.

Entretanto, compreender a folha em branco como espaço de dialogia, do inesperado, ou como expressão do pensamento, passa por um processo doloroso de reconhecimento. Devemos pensar como conseguiríamos eliminar a insegurança e a angústia de alunos e candidatos a concursos públicos diante do ato de escrever. Como formar sujeitos capazes de perceber que sua escrita se mostra confusa, inadequada ou sem sentido, e que se proponham a repensá-la? De que maneira formar um aluno-escritor competente, apto a produzir textos de intenções variadas? Tais indagações nos provocam enquanto professores e servem de razão para sempre continuarmos otimistas.

Pensamos que para alcançarmos estes desafios é imperativa a necessidade de incentivar a prática de leitura. O hábito de ler consiste na condição de desenvolver no aluno a sua capacidade de interagir com as diversas informações que recebe, ampliar a sua visão de mundo, tornando-se um ser crítico, capaz de observar competentemente as circunstâncias que o envolve, assim descobrindo e alargando suas representações de mundo.

Conforme Marques (1993, p. 103-104) precisaríamos de uma nova noção: “Uma educação em que se impliquem o saber, a ação e a emoção”. Para que o ensino de redação tenha significado e real efetividade, precisa-se de uma ação educativa assentada na tradição normativa e nas concepções da linguagem, mas que, sobretudo vise a participação dialógica dos alunos neste processo e acesso constante as demais regiões do saber.

Contribuir para o educando escrever e constituir-se como um usuário eficaz da língua é o que acreditamos que seja a nossa função como professores do Proenem/Unicruz com a área das linguagens. Por isso, procuramos, teoricamente, ampliar nossos horizontes, na tentativa de mostrar nossas motivações, nossos ideais e nossas referências, fundamentais ao trabalho que realizamos.

A presente reflexão se enquadra no tipo de pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica. Com postura interpretativa recorreremos ao pensamento de escritores do campo da Linguística e da Filosofia da linguagem com o intuito de formar um raciocínio lógico e cadenciado de proposições e expectativas. Tem como prática colocada a efeito, no Programa Institucional Proenem, desenvolvido pela Unicruz, desde 2013.



3. LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS: ALGUNS RESULTADOS IMPORTANTES EMERGEM.

Ao longo do tempo a educação escolar vivencia tentativas de mudanças. O caráter humanístico, complexo e interdisciplinar aparece em grande medida nas recomendações curriculares atuais, especialmente para o Ensino Médio. Assim, estão centradas em três grandes áreas do saber: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências humanas e suas Tecnologias. A organização em áreas, segundo os PCNEM (Brasil, 1998), pretende englobar os conhecimentos que compartilham objetos de estudo, facilitando a comunicação de uns com os outros, criando condições para que a prática escolar se desenvolva em uma perspectiva interdisciplinar.

Como pano de fundo nessa interlocução, surgem as tecnologias, evidenciando possibilidades de avanços na aprendizagem. Faz-se elemento de ampla comunicação entre as ciências e oferece mecanismos para que se reconheça a complexidade do conhecimento e sua abertura para novas experiências.

Dessa maneira, a forma organizativa do Proenem da Unicruz supera a práxis pedagógica tradicional em função das disciplinas. Partimos de uma ação educativa que ajude o aluno a compreender os fenômenos naturais, tecnológicos e sociais da vida de forma contextual, em que valorize-se a comunicação entre os conhecimentos e a razão prática destes em suas vidas. Assumimos a responsabilidade de complementar a educação básica e dar suporte para o entendimento das recomendações do Enem. Marca-se também o papel da instituição escolar como espaço que vai além da transmissão de um saber, das meras repetições sem contexto, tem-se ali um lugar de legitimação do sujeito pelo saber que ali constrói, ou seja, fazemos a ligação entre a capacidade linguística e competência política do participante. Vale ressaltar que isso será efetivado, pois entendemos que:

A aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita (BRASIL, 1998, p.30).

O objetivo das três áreas do conhecimento, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, é promover uma ação concentrada do conjunto e também de



cada uma das disciplinas, em favor do desenvolvimento das competências gerais, que dependem do conhecimento disciplinar.

Conforme podemos constatar nos PCNEM (Brasil, 1998, p. 135), “o cerne do trabalho da área situa-se no primeiro dos três grupos de competências gerais, uma vez que nele se privilegia a aquisição e o desenvolvimento das competências gerais de Representação e Comunicação, que se pode traduzir por manejar sistemas simbólicos e decodificá-los”. Isto implica pensar que a linguagem ganha um novo significado no ensino médio e, especialmente ao trabalho do Proenem. Os educandos são instigados a perceber e interpretar os elementos linguísticos que ultrapassam as funções de linguagem básicas, como o emissor, a mensagem e o ouvinte. Tudo isso pode ser encontrado de modo não-verbal em situações de entendimento, não exclusivamente de ordem linguística, mas pela manifestação de objetos, de sinais, de gestos e expressões, que exprimem sentido quando decodificados, isto é, quando são passíveis de transcrição.

Desse modo, os conhecimentos da língua tornam-se objeto de aprendizagem de todas as disciplinas, contribuindo ao processo didático geral. Isso implica entender que antes dos conteúdos interagirem, os professores precisam refletir sobre uma possível recomposição dos seus saberes a fim de estabelecer uma prática que evita o trabalho isolado e parcelar. Assim, conforme proposto no projeto apresentado, nos encontros semanais da área de linguagens, procuramos compreender nos guias e manuais oferecidos pelo Ministério da Educação as novas recomendações para a área, o que desponta novas possibilidades na forma de operar as aulas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os objetivos da área de linguagens não serão atingidos com “um ensino conteudista e fragmentado” (Brasil, 1998, p. 20). Por isso, o conhecimento que queremos proporcionar no curso preparatório deve ser reflexivo e que permita o desenvolvimento da criticidade como leitura fundamental da realidade. Nessa perspectiva, as aulas de redação, bem como o trabalho da Língua Portuguesa e da Literatura centram-se nos conhecimentos e nas competências essenciais e não mais exclusivamente no saber enciclopédico. Além disso, obedecemos à recomendação geral de atribuir uma identidade própria a essa etapa da escolaridade. Busca-se, sobretudo, uma formação sólida, passível de ser atingida pela aquisição de um significativo conjunto de competências que possibilitem a futura atuação individual e coletiva, acadêmica e profissional.

Para tanto, além de outras medidas, tem sido necessário ao trabalho do Proenem com as linguagens, o reconhecimento dos conceitos e das competências estruturantes e das



dinâmicas de aprendizagem fundamentais em cada área do conhecimento, de forma a permitir a concentração no desenvolvimento do raciocínio e não em atividades que exigem apenas memorização. Dessa maneira, muito além de memorizar mecanicamente as regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser utilizados nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara.

Professores e alunos, nesse sentido, são levados a compreender o que os parâmetros chamam de “análise de situação-problema”. Sugerimos um primeiro passo, que seria saber lê-las com o objetivo de extrair delas próprias os caminhos para a resolução. Pensar que nossos conhecimentos sobre a Língua Portuguesa – seja do ponto de vista gramatical ou da produção textual – poderiam auxiliar nessa tarefa. Com essa visão, questionar se somente os conhecimentos específicos e disciplinares dão conta de buscar soluções para essas e outras situações-problema.

Não se perde, todavia, o entendimento de que a linguagem se estrutura sobre a normatividade, porém, propomos isso num processo mais significativo. A Língua Portuguesa, como língua materna é geradora de significação e integradora da organização do mundo comum. O domínio dessa língua e das línguas estrangeiras é visto na área de linguagens e na visão organizativa do Proenem, como forma de ampliação de possibilidades de acesso a lugares e culturas.

Assim, parece pertinente apontar algumas competências e conceitos que a área de Linguagens, códigos e suas tecnologias emprega aos professores. Inicialmente, no que diz respeito à tecnologia da informação, conforme os PCNEM:

Deve-se enfatizar que dados e informações não são o conhecimento. A confusão entre os dois conceitos pode induzir o usuário a ver essa tecnologia como neutra e objetiva, pois sua configuração específica, sua história ainda recente e sua utilização social podem mascarar os elementos subjetivos e ideológicos presentes na construção mediada do conhecimento. Em outras palavras: separados de seus contextos de produção, isolados da rede conceitual de que fazem parte, os dados e fatos são informações que podem ser utilizadas para qualquer propósito. Nesse particular, compete à escola trabalhar com a tecnologia não apenas como um artefato técnico mas como uma construção social, dialética em sua própria natureza (BRASIL, 1998, p. 52).

É preciso aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, de modo que possam representar uma relevância no trabalho e em outros contextos da vida. O valor estaria em possibilitar que o aluno identifique as diferentes linguagens e seus recursos



expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação. Que possa, sobretudo, recorrer ao conhecimento linguístico para resolver problemas que enfrentam no dia-a-dia.

O desafio para professores e alunos é entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação nas suas vidas, no desenvolvimento do conhecimento, sempre associado aos conhecimentos científicos e empíricos, às linguagens que trazem do meio social e às demais tecnologias.

Outra importante competência que procuramos desenvolver no público que busca o Proenem, diz respeito à análise, interpretação e aplicação dos recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e manifestações de acordo com as condições de produção e recepção dos discursos. A intenção é estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

Assim, o texto passa a ser compreendido como um todo significativo e articulado, verbalmente ou não. Segundo os PCNEM:

O texto verbal pode assumir diferentes feições, conforme a abordagem temática, a estrutura composicional, os traços estilísticos do autor – conjunto que constitui o conceito de gênero textual. A partir do pressuposto de que o texto pode ser uma unidade de ensino, sugere-se abordá-lo a partir de dois pontos de vista: Considerando os diversos aspectos implicados em sua estruturação, a partir das escolhas feitas pelo autor entre as possibilidades oferecidas pela língua. Na relação intertextual, levando em conta o diálogo com outros textos e a própria contextualização (BRASIL, 1998, p. 60).

Trata-se de um trabalho convergente, em que um texto possa ser visto pela sua estrutura normativa, pelas proposições intencionais e do estilo do autor, assim como do diálogo que se trava com a multiplicidade textual que circula socialmente, o que os parâmetros entendem por intertextualidade.

Também proporcionamos nas aulas do Proenem o reconhecimento das informações sobre as concepções artísticas e os procedimentos de construção do texto literário, em que o aluno poderá reconhecer a presença de valores sociais e humanos permanentes no patrimônio literário nacional. Não se trata de um trabalho fechado, estanque e tedioso, mas um movimento integrador entre a produção literária e a história cultural e social que estes textos reproduzem.



Por esta razão, os textos, organizados em apostila própria da área de linguagens, representam as mais variadas situações cotidianas. O ensino e a aprendizagem de uma língua necessita do suporte textual, pois ao revelarem usos múltiplos, contribuem para a criação de competências e habilidades específicas, então recomendadas pela banca organizadora do Exame Nacional do Ensino Médio.

Assim, não deixando de atribuir a gramática da Língua Portuguesa nas discussões do Proenem, consideramos indispensável guia de estudos, que em boa medida representa o maior saber acumulado desta disciplina. Conforme os PCNEM, a gramática

Refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento lingüístico (sic) internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios lingüísticos (sic), fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito). O domínio desse conceito é importante em quase todas as situações em que se trabalha com a língua (BRASIL, 1998, p. 60).

Tanto no “momento interligado” quanto nas situações separadas de sala de aula, consideramos que a condição de produção de discursos é resultado do conhecimento gramatical absorvido (morfológico, sintático, semântico). Ajudamos os alunos a compreender que o aceitável na linguagem coloquial, muitas vezes pode ser considerado um desvio na linguagem padrão ou norma culta. Embora se aprove o estudo da variedade lingüística do Brasil, é discussão garantida nas aulas do Proenem, os diversos graus de formalidade das situações de interação comunicativa, percebendo, sobretudo as modalidades de oralidade urbana e da escrita da língua, assim como os limites do uso e da adequação.

Portanto, é necessário frisar no contexto dessa área de conhecimento, que o Proenem da Universidade de Cruz Alta visa potencializar o senso crítico dos alunos, sendo capazes de investigar, articular e descobrir os objetos e os fenômenos do mundo a que são expostos. Mais do que oferecer o convívio do aluno com as linguagens trata-se de oferecer-lhe o convívio com práticas sociais de compreensão e produção de textos e de análise lingüística. Partimos das possibilidades de aprendizagem do aluno, de suas necessidades para a ampliação do seu universo de referência, propiciando-lhe familiaridade crescente com expressões culturais e científicas cada vez mais complexas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas palavras finais não encerram tampouco esgotam o debate relativo às linguagens. São palavras e ideias ainda em fecundidade, por isso, aparecem singelamente como quem levanta a mão pedindo licença para dizer algumas contribuições no processo reflexivo do tema. Geramos, dessa forma, a expectativa de que a produção e a leitura textual variada são práticas interdisciplinares reconhecedoras da língua materna e nossa missão enquanto professores.

O trajeto teórico que fizemos revela a importância de alterarmos o flexão do termo língua para línguas e do termo linguagem para linguagens. Este esforço só poderá resultar em uma atuação pedagógica também no plural. Pluralizar para nós significa articular, amarrar e tornar possíveis ações de ensino que se complementem, na mesma medida que mantenham a tradição do conhecimento acumulado.

Não podemos ficar dizendo que o aluno não lê e que, portanto, não consegue se expressar pela escrita; não podemos ficar repetindo que o aluno não consegue interpretar o que lê e que por isso não atinge a média necessária nas provas do Enem, não podemos ficar em busca de culpados para os índices educacionais não satisfatórios, devemos fazer alguma coisa.

Há um longo caminho a percorrer, mas nós, do Proenem, como muitos outros colegas educadores, estamos fazendo a nossa parte, na busca de sucesso e equiparação do ensino, na busca de um ensino justo e igualitário, no qual o ingresso ou não no Ensino Superior será uma questão de escolha e não de exclusão pelo não saber. Todos estariam preparados e optariam por ocupar um espaço no meio acadêmico, pois

A educação é substantiva, altera o ser do homem. A não ser assim seria apenas adjetiva, mero ornamento da inteligência. O homem que se adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo. Esta é a finalidade essencial da educação. Tal é a razão de que todo movimento educacional tenha consequências sociais e políticas (PINTO, 2010, p. 52-53).

Enfim, enquanto educadores idealizadores deste programa buscamos fazer a diferença. No entanto, finalizamos alertando que apesar do Proenem ter objetivos concretos, ele necessita do empenho de todos os envolvidos, para atingir os resultados que podem ser o suporte do sujeito no exercício da sua cidadania.



REFERÊNCIAS

BAGNO, M. RANGEL, Egon. **Tarefas da educação lingüística no Brasil**. Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: **Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. **Por uma Teoria que fundamente o ensino de língua materna** (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos>, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual. Análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1993.

_____. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIGNA, **Aprendendo um pouco mais sobre Educação de Jovens e Adultos**, publicado no site <http://www.centrorefeducacional.com.br/eja1.htm>. Acesso em 13 de setembro de 2014.